

O imaginário anticomunista católico no Rio Grande do Sul 1945-1964

The role of classic law, the positivist law and factors outside criminal prosecution in the results of libel and slander trials in Juiz de Fora - MG (1854-1941)

RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e a Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. 2 ed. Passo Fundo: UPF, 2003. 158p.

Camila Gonçalves Silva*

Nas últimas duas décadas, houve um paulatino crescimento de trabalhos historiográficos cuja temática central consistiu em compreender o fenômeno do anticomunismo. Sobre esse aspecto, o historiador Rodrigo Patto Sá Motta² aponta dois momentos históricos de análise desse fenômeno: o contexto de investigação concentra-se, a priori, no surgimento do anticomunismo, ou seja, nas suas matrizes no contexto da Revolução Russa de 1917, e sua influência no Brasil, até o período de 1935. Ainda temos, posteriormente, o período referente à Guerra Fria até o governo de João Goulart, com maior intensidade nos anos de 1961 a 1964, período que culmina com o golpe de 1964 e a implantação da Ditadura Militar no Brasil. Motta classifica esse dois momentos, em que podemos identificar a latente atuação desse fenômeno, como “ondas” ou “surto” anticomunistas.

De acordo com Motta, as pesquisas historiográficas, até então, abordavam o anticomunismo como aspecto secundário, como um elemento auxiliador às análises de um determinado contexto histórico. A superficialidade das análises inibia a compreensão da diversidade das práticas e ações do fenômeno e resulta, diversas vezes, na simplória concepção de que o anticomunismo se trata somente de um instrumento da classe dominante para manipular o psicológico e incumbir os seus interesses políticos frente à sociedade.

* Mestre em História pelo programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: camilag7@yahoo.com.br Tutora dos cursos de História e Geografia na modalidade a distância da Faculdade do Noroeste de Minas/FINOM.

** MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “perigo vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002, p. XXIV (Estudos)

Para o pesquisador Luciano Bonet³, desde o êxito da Revolução Russa de 1917, o comunismo se tornou uma realidade e uma alternativa política para vários países no mundo. Essa realidade afetou diretamente os regimes políticos tradicionais e lhes imputou assumir uma postura de negação às ideologias de esquerda. Não obstante, para Bonet, não podemos compreender o anticomunismo como um fenômeno que atua somente na negação da expansão das ideologias de esquerda. Sobretudo, porque se trata de um fenômeno complexo que interferiu nas ações políticas, sociais e estratégicas dos países contrários aos ditames do sistema comunista.

Nesse sentido, o anticomunismo não esteve restrito a um grupo específico ou a um único órgão ou instituição política. Sendo caracterizado por práticas que têm a finalidade de impedir a expansão e denegrir a imagem das ideologias de esquerda, o anticomunismo esteve presente e diluído na sociedade no seio de vários grupos (intelectuais, militares, Igreja Católica, imprensa etc.). Estes utilizaram de diversos recursos (obras, repressão, homilias, imagens e representações amplamente divulgadas) para cumprir com o seu objetivo.

Dessa forma, o trabalho da historiadora Carla Simone Rodeghero, intitulado *O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e a Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*, inova ao imprimir destaque à complexidade das ações, imaginário e práticas do fenômeno anticomunista na Igreja Católica do Rio Grande do Sul. Várias obras na historiografia apontam a Igreja Católica com um dos principais grupos responsáveis pela disseminação dos preceitos anticomunistas. Isso porque, a Igreja atua diretamente na sociedade em que está inserida, seja como religião, e como espaço de sociabilidade em missas, pregações, eventos e festividades.

A autora analisa o imaginário anticomunista através dos impressos *Jornal do Dia*, *Correio Riograndense* e *Boletim Unitas*, encíclicas papais e entrevistas com católicos gaúchos, leitores dos referidos jornais. Por meio das fontes arroladas, Rodeghero teve como principal objetivo identificar como a pregação anticomunista interferiu em uma série de situações na vida cotidiana e nas relações familiares e sociais, ou seja, a sua abordagem não foi exclusiva ao enfoque político ou nas aglomerações partidárias de esquerda.

No primeiro capítulo, intitulado *Demônios e trevas: as representações sobre o anticomunismo*, a autora recorre ao conceito de imaginário proposto por Baczko⁴ para entender como a Igreja Católica interpretava o

³ BONET, Luciano. Anticomunismo. In: BOBBIO, Noberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Giafranco. *Dicionário de Política*. 12 ed Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004. Págs. 34-35..

⁴ BAKZO, B. Imaginação Social. In: *Enciclopédia Einaudi*. vol. 5. Lisboa. Imprensa Nacional. Casa da Moeda, 1985.

comunismo e como esta instituição contrapunha essa ideologia, emitindo os seus valores. Principalmente, na compreensão de como a instituição recorria a imagens e representações como estratégia e prática para impedir a disseminação das ideologias de esquerda na sociedade. Para Backzo, o imaginário interfere nas ações dos indivíduos e nas instituições e pode influenciar na formação de crenças, valores e comportamentos.

Os adeptos à ideologia comunista eram apontados como personificação do “mal” que comprometia a sociedade, nesse sentido, era necessário que a Igreja, ou seja, o “bem” protegesse contra essa ameaça. Como um rótulo ou estereótipo negativo, a homilia católica também utilizou recorrentemente das dicotomias para exemplificar a sua atuação frente ao combate às ideologias de esquerda: a luta entre o “bem e o mal”, o “sagrado” e o “profano”, o “lícito” e o “ilícito”, “filhos da luz” e “filhos das trevas”. O imaginário anticomunista seguiu esse padrão, a personificação de satanás ou do diabo foram as referências fundamentais identificadas pela autora nos discursos dos jornais analisados.

Em sua pesquisa, Rodeghero ressaltou que o “elemento” demoniológico foi o principal recurso didático na instrução dos fiéis nas homilias proferidas durante as missas e também nas matérias produzidas pelos jornais católicos. Esse recurso também foi responsável por transmitir mensagens aos fiéis sobre o perigo de destruição das famílias como algo iminente e, por isso, era necessário uma ação conjunta e colaboração de todos os membros da comunidade para frear o avanço do comunismo. Os recursos foram variados: charges, imagens, homilias durante a missa, gibis infantis, tudo para ‘conscientizar’ todos os membros da família.

Em seu segundo capítulo, *Reformar os costumes cristãos: moral cristã e comunismo*, a autora compreende a inserção e o papel da Igreja Católica em relação ao mundo moderno e, principalmente, como as alterações sociais e políticas influenciaram na diminuição do seu papel na sociedade. Dentre os quais, podemos destacar a análise dos conceitos de modernização, laicização e secularização. A modernização está relacionada com as alterações que foram fomentadas pelas rupturas dos sistemas políticos, sociais e econômicos nos últimos séculos.

Nesse íterim, a autora destaca a Revolução Francesa e a Industrial como exemplos de acontecimentos que romperam com estruturas sociais e políticas que influenciaram o mundo ocidental. Paralelamente, também temos o laicismo, ou seja, uma cultura voltada para a vida material e racional. Principalmente, a partir da separação entre fé e Estado que, desde a Renascença, conferiu a constituição de um Estado leigo e ocasionou a perda da supremacia da Igreja na condução

da sociedade, da política e da cultura. Assim, a secularização, terceiro aspecto apontado pela autora, consistiu no processo de soerguimento de novos valores e novos interesses, não relacionados aos aspectos religiosos. A autora identificou, através da análise do discurso das encíclicas papais, a preocupação da Igreja Católica diante da perda progressiva de espaço na vida social e cultural dos seus fiéis. O comunismo era visto como mais um elemento que poderia contribuir para diminuir a importância da Igreja para a sociedade, com os ideais de uma classe trabalhadora que deveria lutar pelos seus direitos sem esperar por quaisquer instituições. Por isso, era necessário atuar através de métodos diversificados para frear o avanço das ideologias de esquerda, tais como: publicações impressas, rádio, televisão e homilias.

Além disso, os meios de comunicação eram apontados pela Igreja Católica como principal veículo de transmissão do 'mal', por isso era necessário viajar a mídia e, ao mesmo tempo criar publicações 'apropriadas' para a sociedade. Nesse sentido, várias paróquias no Rio Grande do Sul produziram publicações para as famílias católicas, como jornais e revistas além de programas de rádio e televisão. A Igreja recomendava que as famílias não mantivessem contato com outros canais que não fossem de orientação católica. Além disso, nas pregações deixava clara a sua posição em relação aos eventos sociais e culturais característicos do país: festas, carnaval, bailes, concursos de miss, lazer em clubes eram apontados como eventos que contribuíam para o empobrecimento e declínio da sociedade cristã, além de relacionar os responsáveis pela organização e promoção desses eventos aos comunistas.

De outro modo, através das entrevistas com os leitores de impressos católicos, Rodeghero identificou que alguns temas eram proibidos, inclusive de serem discutidos, como por exemplo, a legalização do divórcio e a utilização de métodos contraceptivos. O simples relato de uma esposa no confessionário de que estaria utilizando algum método contraceptivo era justificativa para punir com a impossibilidade de comungar ou de participar das missas. O indivíduo punido era tachado de comunista ou subversivo e a punição exercia forte impacto social, na medida em que a Igreja, e os eventos a ela relacionados, era o principal espaço de sociabilidade das comunidades. A autora conclui que o comunismo foi fortemente empregado como rótulo pejorativo para classificar, punir e coibir ações e pessoas que não seguiam as orientações propostas pela Igreja Católica.

Nesse sentido, nos capítulos seguintes: *O perigo vermelho: o combate ao comunismo de 1945 a 1964* e *A conquista do voto: anticomunismo no processo eleitoral*, a autora aponta como se deu a atuação de órgãos e instituições que se dedicaram ao combate ao comunismo. Nesse caso,

podemos destacar o Instituto de Pesquisa e Estudo Sociais/IPES e Instituto Brasileiro de Ação Democrática/IBAD que arremeteram adeptos em diversos segmentos sociais, como empresarial e político, no intuito de estabelecer métodos eficazes de combate às ideologias de esquerda em vários estados brasileiros. De igual maneira, para Rodeghero o discurso anticomunista disseminado pela Igreja riograndense agregava valor ao respaldar-se do interesse em defender a “tradição, família e propriedade privada.” Através desse discurso, também angariava apoio entre os setores conservadores da política e da economia estadual.

Posteriormente, por meio do exame do processo eleitoral no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1947 e 1972, a autora identificou como os candidatos que utilizaram o anticomunismo como estratégia eleitoral obtiveram maior êxito em suas campanhas. O político que ressaltava em discursos que era católico e anticomunista garantia votos dos membros conservadores da igreja, conseqüentemente da maioria da sociedade. O candidato também possuía maior evidência, quando possuía uma trajetória de militância anticomunista. Ao passo que, possuir um parente, mesmo que distante, envolto em agremiações partidárias de esquerda ou movimentos camponeses representava a perda de eleitores.

Assim, no quinto capítulo: *O poder da palavra: a imprensa e o combate ao comunismo*, a autora aponta os elementos do imaginário anticomunista através dos impressos *Jornal do Dia* e *Correio Riograndense* e sua influência sobre os leitores. Através dos depoimentos, foi possível apontar que a simples assinatura dos periódicos representava a inclusão da família ao espaço de sociabilidade da Igreja. A leitura dos impressos fazia parte da rotina da família. Embora, várias matérias fossem redigidas com intuito de ‘conscientizar’ a comunidade sobre o perigo comunista, os leitores, na maioria das vezes, adquiriam os jornais para obter notícias da comunidade, falecimento de amigos e parentes ou mesmo devido à pressão a que eram submetidos pelos padres de suas paróquias. A assimilação dos valores e das crenças anticomunistas esteve fortemente marcada pelo rótulo e estereótipo negativo a que eram destinadas as ideologias de esquerda, reforçadas, de modo recorrente, nas homilias de cada missa frequentada.

Enfim, salientamos que a obra apresenta uma abordagem pioneira para a historiografia riograndense, na medida em que preencheu a lacuna de estudos sobre a complexidade de ações, práticas, imaginário e representação do anticomunismo. Temática inovadora, até o período de sua publicação, propõe novas possibilidades de estudos sobre o anticomunismo não apenas limitadas ao enfoque político ou estratégico.